

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) após o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja O Efeito do Acesso Livre).

COPYRIGHT STATEMENT

Authors who publish with this journal agree to the following terms:

Authors retain copyright and grant the journal right of first publication with the work simultaneously licensed under a Creative Commons Attribution License that allows for sharing of work with acknowledgment of its initial publication in this journal.

Authors are able to take on additional contracts separately for non-exclusive distribution of the version of the work published in this journal (eg, post it to an institutional repository or as a book), with an acknowledgment of its initial publication in this journal.

Authors are permitted and encouraged to post their work online (eg, in institutional repositories or on their website) after the submission process, as it can lead to productive exchanges, as well as increase the impact and citation of published work.

Fonte: <http://www.revistas.usp.br/ra/about/submissions#copyrightNotice>. Acesso em: 24 abr. 2014.

REFERÊNCIA

LOBO, Andréa de Souza. Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 53, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27347/29119>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde

Andréa de Souza Lobo¹

Universidade de Brasília

RESUMO: Estudos sobre o parentesco africano que tratam da questão geracional não são novidades para a antropologia, seja em abordagens clássicas, que focam a estrutura institucional dos sistemas de parentesco, seja em análises contemporâneas, que inserem a questão no contexto das relações construídas pela prática cotidiana. No caso de Cabo Verde, para entender o lugar central da mulher e da relação entre mulheres para a reprodução das relações familiares, não se pode negligenciar o papel das avós. Argumentando neste sentido, o artigo busca demonstrar como a maternidade, tal como entendida em Cabo Verde, não está restrita à figura da mãe, envolvendo outras mulheres no compartilhamento de substâncias essenciais para o cotidiano – alimento, cama, casa, bens e valores. Nesse contexto, emerge uma estratégia importante e que faz da maternidade em Cabo Verde um caso particular: o fato de que uma geração não é o bastante para a realização plena da maternidade, pois esta requer o esforço coordenado de duas gerações de mulheres no interior da estrutura familiar. Mãe e avó complementam-se na tarefa de cuidar e alimentar as crianças e essa união dá o sentido local do que uma criança precisa para estar feliz e amparada. Da mesma forma, exercer a maternidade nas duas fases da vida significa o exercício pleno da maternidade para uma mulher. O artigo desenvolve, portanto, o argumento de que ser mãe em Cabo Verde é um ciclo que começa com o nascimento de um filho e só se encerra plenamente quando a mulher se torna avó.

PALAVRAS-CHAVE: Organização familiar, Cabo Verde, maternidade, crianças.

Introdução²

Na ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, mãe e avó complementam-se na tarefa de cuidar e alimentar as crianças e essa união dá o sentido local do que uma criança precisa para estar feliz e amparada. Da mesma forma, exercer o papel de mãe nas duas fases da vida significa o exercício pleno da maternidade para uma mulher. O artigo desenvolve, portanto, o argumento de que ser mãe em Cabo Verde é um ciclo que começa com o nascimento de um filho e só se encerra plenamente quando a mulher se torna avó. Para tanto, a análise se valerá da relação intersubjetiva entre os diferentes momentos que configuram os ciclos de vida de mães, avós e filhos-netos e as fases do ciclo do desenvolvimento do grupo doméstico. A distinção analítica entre os termos mãe e *mamã* fornecerá os instrumentos necessários para compreendermos a circularidade do exercício pleno da maternidade e sua interface com as estratégias de continuidade de reprodução do grupo doméstico.

Estudos sobre o parentesco, realizados em contextos africanos que abordam a questão geracional, não são novidades para a antropologia. Já nas suas primeiras contribuições fundadoras, Radcliffe-Brown (1952) sugeriu uma equivalência das gerações alternadas e a oposição entre gerações próximas. Conforme o autor, a igualdade amigável entre avós e netos teria a função de minimizar tensões decorrentes da relação entre pais e filhos, estas marcadas pela autoridade parental e as obrigações severas. Na mesma direção, a descrição de Fortes (1969) sobre os Tallensi aponta para conflitos entre pais e filhos e para uma relação amistosa entre gerações alternadas. Os avós Tallensi “mimam seus netos”, são carinhosos e simpáticos, deixando a disciplina e a responsabilidade pela alocação de recursos aos pais.

Por sua vez, pesquisas recentes no âmbito africano buscam refletir sobre a questão geracional em diálogo com os “ancestrais” de nossa discipli-

na. O volume da África intitulado “Grandparents and Grandchildren”, organizado por Susan Whyte, Wenzel Geissler e Erdmute Alber em 2004, é um reflexo da importância do tema na produção contemporânea. Na Introdução ao referido volume, os organizadores chamam a atenção para o fato de que, enquanto muitos autores continuam a reproduzir a clássica imagem da relação entre avós e netos como de simpatia e amizade, as situações etnográficas mostram pinturas mais complicadas. Isto porque as novas etnografias enfocam as práticas cotidianas e a concretude das substâncias compartilhadas entre parentes (2004: p. 4). Tais estudos centrariam menos na estrutura institucional dos sistemas de parentesco e mais nas relações construídas pela prática cotidiana. Nesse sentido, além de perceberem a construção do cotidiano, destacam a importância de entender avós e netos num contexto temporal, em relação aos padrões em mudanças das sociedades em análise.

Em meu caso de estudo – a sociedade crioula de Cabo Verde – para entender o lugar central da mulher e da relação entre mulheres para a reprodução das relações familiares, não se pode negligenciar o papel das avós. Argumentando nesse sentido, o artigo busca demonstrar como o exercício da maternidade não está restrito à figura da mãe biológica, envolvendo outras mulheres no compartilhamento de substâncias essenciais para o cotidiano – alimento, cama, casa, bens e valores. Tendo em vista a solidariedade feminina e a ausência relativa do marido-pai no universo doméstico, emerge uma estratégia importante e que faz da maternidade em Cabo Verde um caso particular: o fato de que uma geração não é o bastante para a realização plena da maternidade, pois esta requer o esforço coordenado de duas gerações de mulheres no interior da estrutura familiar.

Além do diálogo com autores que trabalham sobre o contexto africano, a discussão a seguir insere-se no debate contemporâneo sobre maternidade e maternagem, a partir do qual algumas autoras têm tido o mérito

de replicar sobre as bases biológicas e naturais do amor materno e se esforçado para demonstrar que a ausência deste não deve ser entendida como patologia social, mas como possibilidade da subjetividade feminina (Baudinier, 1980; Arendell, 1999). Em minha análise, não pretendo discutir sobre a presença ou a ausência de amor materno, mas aproximo-me das autoras destacadas ao refletir sobre suas diferentes formas, experiências, afetos e significados e, sobretudo, sobre as estratégias e as negociações de sua realidade na sociedade cabo-verdiana.

O contexto

Antes de prosseguir na análise da maternidade processual e de tentar dar conta das relações entre mães, filhas e netos, é preciso descrever brevemente o campo social no qual as mulheres se tornam mães e avós. Ao longo dos anos de 2004 e 2005, durante 15 meses ininterruptos, realizei pesquisa de campo em uma das 10 ilhas que compõem o arquipélago de Cabo Verde, a Ilha da Boa Vista. A pesquisa foi desenvolvida junto à população da Vila de Sal-Rei e o objetivo era trabalhar sobre a temática dos fluxos migratórios femininos e suas influências nas transformações que vêm ocorrendo na organização familiar local (Lobo, 2006). Sal-Rei é a principal vila da Ilha e acolhe cerca de 2.500 habitantes, do total de 4.209 residentes espalhados pelas sete pequenas povoações que formam a paisagem árida característica do arquipélago.³ A principal atividade econômica é a agropastoril de subsistência, porém, não é esta que movimenta os recursos financeiros, que advêm prioritariamente das remessas enviadas pelas mulheres emigrantes que vivem na Itália⁴ trabalhando como empregadas domésticas.

Cabo Verde é um arquipélago localizado no Atlântico e inabitado quando descoberto pelos portugueses em 1460. Sua efetiva ocupação

se deu tardiamente e no contexto do comércio negreiro do continente africano para a Europa e as Américas. Seu processo de formação social é, portanto, resultado do encontro entre portugueses e africanos, dando origem a uma sociedade crioula marcada pela heterogeneidade. O país é historicamente caracterizado como uma sociedade de diáspora, dada a sua especialização histórica em exportar gente para os quatro cantos do mundo por meio da emigração. É nesse contexto que se estrutura um tipo de organização familiar com uma aparente ambiguidade – essencialmente patriarcal, mas com fortes características de matricentralidade.

De forma breve, tal organização familiar apresenta as seguintes características gerais: a unidade significativa é a família extensa; há uma priorização dos laços consanguíneos à relação conjugal; a mobilidade de homens, mulheres e especialmente crianças entre várias casas faz parte da dinâmica familiar; a casa é a unidade central, estando fortemente associada à mulher e às crianças; o homem tem uma relação marcada pela ausência física e pela distância no cotidiano dos filhos e das mães dos filhos, contribuindo financeira e socialmente de maneira esporádica; as mulheres adultas emigram,⁵ deixando familiares, filhos e os pais de seus filhos na ilha.

As unidades domésticas são fortemente centradas na figura da mãe-avó. Apesar de operar um ideal patriarcal, em que o homem exerce autoridade sobre o destino dos filhos e sobre o percurso de vida da mulher, na prática, as mulheres têm um importante papel social e econômico, uma vez que os arranjos afetivos que predominam estimulam a circulação dos homens por várias unidades domésticas ao longo da vida adulta. O que quero dizer é que as relações afetivas entre homens e mulheres, ainda que com filhos, têm por característica, num primeiro momento, a não-fixação deste casal em uma união conjugal considerada estável: com residência compartilhada, divisão de tarefas no cuidado com as crianças e nas des-

pesas financeiras. Além disso, é frequente que o homem tenha simultaneamente relações afetivas com mais de uma mulher, relações que podem também gerar filhos. Por fim, cabe ressaltar que os sentidos da masculinidade passam pela distância relativa do homem do universo doméstico, especialmente nos cuidados com as crianças. Tudo isso opera no sentido de dar centralidade às mulheres no interior das famílias, posição reforçada pelas redes femininas familiares que operam entre as casas e entre as gerações por meio da partilha e da circulação de coisas, valores e pessoas.⁶

Partilhar é uma categoria fundamental para se entenderem as relações familiares em Cabo Verde (e não só estas). Pela análise das práticas de partilha, ajuda mútua e solidariedade entre pessoas e grupos domésticos, percebe-se o conceito fundamental de “fazer família”, ou seja, fortalecer laços entre parentes e criar parentesco onde este não existia. Conforme os conceitos locais, a família é resultado de uma produção em torno das experiências de coabitação e cooperação doméstica entre pessoas, isto é, o universo familiar é percebido enquanto um processo construído cotidianamente. Daí a importância do parentesco social, baseado em ofertas pessoais, compromissos mútuos e partilha. Paralelamente, assim como as relações de parentesco devem ser obtidas, negociadas e alimentadas, as vidas dos indivíduos e suas posições no contexto familiar são decorrentes de escolhas e negociações, não devendo ser entendidas como devires inevitáveis e preestabelecidos dentro do sistema. Captar este universo como um quadro composto por diversas possibilidades em que as trajetórias dos indivíduos são múltiplas e suas posições são conquistadas a partir das trajetórias de vida é central para entender a performance da maternidade como um processo em Cabo Verde.

Além disso, é importante deixar claro que, enquanto parte de uma sociedade crioula – portanto, resultado de uma dinâmica social em que se misturam, chocam e interpenetram forças, processos, valores e símbolos

oriundos de duas vertentes civilizatórias, a africana e a europeia, dando luz a uma entidade terceira (Trajano Filho, 2006) – a organização familiar da Boa Vista revela práticas e modelos em competição que ora enfatizam uma vertente, ora outra. Sendo assim, paralelamente às práticas que reproduzem um sistema familiar como o descrito acima, operam também valores calcados num modelo de família nuclear, um casal em coresidência e seus filhos, de matriz europeia e que é considerado ideal, especialmente pelas mulheres. Temos, por um lado, práticas que reproduzem formas locais (coerentes com o que se entende por uma matriz africana) de organização familiar e, por outro, a existência de um modelo ideal e vislumbrado que não se realiza, o modelo nuclear conjugal.

O valor das avós

Dentre as senhoras idosas que conheci na Boa Vista, foi com D. Lúcia⁷ que construí uma relação de intimidade e confiança mais duradoura que me permitia frequentar sua casa, participar de eventos familiares, parar para uma conversa ou simplesmente sentar em sua varanda para observarmos juntas o movimento das pessoas que iam e vinham. D. Lúcia é mãe de três filhos. O marido é ex-emigrante, voltou adoentado e hoje vive das memórias e dos limitados recursos financeiros adquiridos quando emigrado. D. Lúcia ganha seu sustento lavando roupas, com isso garante as despesas com a casa e os filhos. Os dois mais novos ainda estão na escola e a mais velha, Zefa, é funcionária da Câmara Municipal. Zefa tem uma filha de 5 anos e ambas, mãe e filha, vivem na casa de D. Lúcia. A moça mantém relação afetiva com o pai da menina. Toda noite sai de sua casa para dormir com ele e, diariamente, lhe envia a comida por intermédio de alguma criança. D. Lucia está sempre acompanhada da neta, que se refere à avó pelo nome de *mamá* e à mãe, pelo nome próprio, Zefa.

Por diversas vezes, d. Lúcia conversou comigo sobre os cuidados que se deve ter com uma criança. Em sua visão, moças novas não dão a devida atenção aos pequenos; para ilustrar, dá o exemplo da própria filha: “Zefa não tem tempo para a menina, tem muita coisa na cabeça, não tem tempo e dá até banho frio na menina em pleno quintal, não tem paciência de dar comida em sua boca e por isso a filha fica sem comer”. D. Lucia diz que as moças jovens da Boa Vista têm “muitas coisas na cabeça” e que, se não fossem as avós, não sabe como seria a vida dos pequenos, e continua: “Dormir, a menina dorme comigo, pois a mãe deita (dorme) no quarto do pai-de-filho.⁸ Eu não confio minha netinha aos cuidados só de Zefa, ela não tem paciência e acaba por bater na menina. Ela tem seus problemas e precisa de tempo para resolver”.

A responsabilidade para com os filhos das filhas é um importante aspecto na vida das mulheres da Boa Vista. Esta responsabilidade tem início com a primeira gravidez da filha, o que quase sempre ocorre quando a jovem ainda se encontra na casa da família, e estende-se por todo o ciclo de vida da criança. Antes do nascimento, período em que podem ocorrer dúvidas quanto à paternidade, é a mãe da moça grávida que lhe dá o principal apoio emocional e financeiro. É também ela quem assume as negociações em torno do reconhecimento da paternidade pelo provável pai e sua família. Após o nascimento, especialmente nos primeiros anos de vida, a avó materna será figura central no cotidiano da criança.

Quando as três gerações (avó, mãe e filho-neto) vivem numa mesma casa, as duas mulheres dividem os cuidados com a criança. Geralmente cabe à mãe a amamentação e a busca de meios para seu sustento econômico. O papel da avó concentra-se nos aspectos práticos do dia a dia; é ela quem passa a maior parte do tempo com a criança, cuida de sua higiene e, após o período de amamentação, é quem a alimenta, dorme com ela e a repreende. Nesse sentido, os cuidados com as crianças, assim como a

execução dos *mandados* (pequenas tarefas cotidianas no contexto da casa) e a produção de alimentos em uma casa boa-vistense não são assumidos por uma só mulher, mas divididos entre elas.

O caso que abre esta seção resgata um fator importante da relação entre mães, filhas e netos: as avós são calmas. O uso desta categoria era comum quando essas mulheres tentavam me explicar o motivo de se dedicarem aos netos, muitas vezes deixando pouco espaço para que as mães cumprissem funções diárias de alimentar, dar banho e repreender seus filhos. Conforme diziam, as moças novas não possuem a calma necessária para cuidar de uma criança, pois estão muito preocupadas e ansiosas com outras coisas (trabalho, diversão e companheiros). Por isso perdem a paciência, batem nas crianças sem necessidade e não têm os cuidados necessários para o bem-cuidar. A expressão utilizada por elas é a de que as moças *não têm tempo* para estas coisas, além de *terem muita coisa na cabeça*.

No relato de d. Lúcia, esta expressão é usada algumas vezes para definir o tipo de relação entre a jovem mãe e sua filha. “Não ter tempo” marca a ambiguidade de ser mãe em uma esfera afetivo-conjugal caracterizada pela instabilidade e a mobilidade masculina, na qual a mulher é, ao mesmo tempo, o centro da reprodução das relações familiares, a responsável pelo aspecto econômico e a fonte de intimidade e afetividade. O universo complexo de uma jovem mãe, portanto, justifica sua *falta de tempo* e a necessidade de uma estrutura em rede que complemente suas funções nos cuidados com as crianças.

Os filhos-netos percebem a diferença. As avós são estáveis, não costumam se movimentar além do espaço da casa e da vizinhança, estando, assim, associadas ao universo doméstico. Além disso, não estão mais ocupadas com companheiros infieis ou com mulheres rivais. Nesta fase da vida, o homem já sossegou e aquelas que mantêm relação afetiva (não sendo

viúvas ou “solteiras”) já não precisam se preocupar com as idas e vindas de seu companheiro, têm uma relação conjugal considerada estável, na grande maioria selada pelo casamento *no papel*.⁹ Elas *têm tempo*. Por sua vez, esta fase do ciclo das avós equivale ao período em que as crianças estão vinculadas e dependentes do espaço doméstico e do universo feminino. Neste contexto, a identificação dos netos com a avó é total.

Os motivos para viver com a avó são diversos, desde situações em que moram todos juntos em uma mesma casa, ou em função de dificuldades financeiras, ou devido à emigração da mãe, ou até pelo simples desejo das avós ou das crianças. Viver com a avó é uma opção válida, não estando restrita a eventos especiais e emergenciais. A mobilidade parece ser o ponto-chave aqui, a criança pode estar com a mãe ou com a avó materna, assim como pode passar períodos com a avó paterna ou em casa de outro familiar. De uma forma ou de outra, “viver com” não é necessariamente encarado como um arranjo fixo ou permanente na vida de um indivíduo, e isto é válido para a vida de uma criança. O que torna a avó materna especial é o fato de ela ser identificada – de forma complementar à mãe – como o membro central dos conceitos de **casa** e **família**, ambas categorias importantes para o sentido de pertencimento social. Mas o que torna os netos especiais?

Ter netos que compartilhem comida, casa e cama fazem de uma mulher avó. Se ela cozinha para os netos, alimenta-os e lhes dá conforto, cabe aos netos, por sua vez, ajudarem as avós nas tarefas domésticas, dedicarlhes respeito, dar-lhes amparo emocional e garantir a reprodução da casa. Ter um filho de uma filha por certo constitui característica central na organização de uma casa, é um meio comum de fortalecer relações e laços sociais e de exercer a maternidade nesta sociedade. Os netos geralmente estão integrados aos trabalhos cotidianos, meninos e meninas ajudam nas atividades tradicionalmente femininas, como cozinhar, lavar e no trans-

porte de água, lenha ou alimento. Enfim, são importantes para o cumprimento de muitos *mandados* que as avós já não tenham mais condições físicas de cumprir ou que não sejam mais de sua prioridade. A presença de netos pode ser fonte de ajuda financeira, em especial se a mãe da criança encontra-se emigrada. Netos também fazem companhia às avós, dispensam-lhe carinho e são percebidos como fonte de alegria em uma casa.

As avós gostam da presença dos netos, têm prazer com a companhia das crianças em uma fase do ciclo doméstico em que os filhos já se dedicam à construção de sua vida adulta em uma sociedade que vê na emigração a melhor saída para a sua reprodução. Mas, além do conforto emocional, estar com os netos garante a manutenção de direitos na mediação entre pais e filhos. Não ter netos em casa significa abandono e perda em diversos sentidos. Os netos são a garantia de que os filhos deem continuidade à contribuição financeira que é substancial para a segurança econômica numa idade avançada. Em campo, pude comprovar que 84% das avós *aguentavam*¹⁰ um ou mais netos e que 37% delas recebiam suporte financeiro das mães ou dos pais das crianças, além de haver um fluxo constante de bens e alimentos no sentido de abastecer a unidade doméstica central onde vive a avó.¹¹

Desta forma, para essas mulheres, ter uma “boa” trajetória de vida diz respeito a viver rodeada de netos e, conseqüentemente, de filhos. As crianças são como elos entre as relações, elas realizam uma soma. O desenvolvimento do ciclo doméstico, tal com entendido a partir de Fortes (1974), termina com a fase de dispersão, na qual os filhos adultos tendem a formar novas unidades e os velhos pais, a ficar sós. A estrutura ideal da Boa Vista é a de que as filhas permaneçam por muito tempo e os netos sejam incorporados à unidade. Em certo sentido, netos representam a continuação da relação com as filhas, assumem funções cotidianas que eram delas e garantem a sua fidelidade às mães. Numa fase do ciclo do-

méstico caracterizada pela dispersão e o esvaziamento da unidade doméstica central, os netos renovam as relações, operam no sentido de fortalecer os laços sociais entre mães e filhas e reforçam o lugar central da mãe-avó no universo doméstico.

Filhos de filhas emigradas

O argumento que venho desenvolvendo demonstra que o papel central das avós não está restrito às situações especiais ou de crise. Porém, não posso deixar de salientar que as avós são fundamentais no projeto migratório de uma jovem mulher e que a efetivação desse projeto traz novos elementos para a tríade aqui analisada. Sendo assim, esta seção será dedicada a explorar a questão de como se dá a relação entre avós-mães-filhos em casos de mães emigradas. Para as avós, a relação com os netos pode ser percebida em dois sentidos: primeiro, ser avó faz parte da experiência intersubjetiva da mulher, um tempo de intimidade com os netos e de manutenção dos laços com as filhas; segundo, em sua relação com os filhos das filhas, a avó assume o papel de mediadora. Este segundo aspecto é fundamental para a compreensão da importância das avós nos casos de emigração.

A avó é a candidata natural a ficar com os netos de uma filha que ambiciona emigrar.¹² Idealmente, ela é a mais apta a assumir o *lugar da mãe* em caso de ausência desta. Um fator importante para a estabilidade da criança é o fato de estar acostumada com a avó, pois, mesmo na presença da mãe, ela já compartilha grande parte de seu tempo com ela, estando habituada à sua presença, não querendo deixá-la. Portanto, esta é a situação ideal para o bem-estar da criança.

Por outro lado, é a situação ideal também para mães e avós. Para entender este ponto é preciso resgatar a perspectiva dos filhos de mães emigradas. Os filhos lamentam ter vivido longe das mães e de terem mais

intimidade com avós, tias ou irmãs mais velhas. Porém, se há um sentimento de perda por parte dos filhos, há também em suas falas um profundo carinho quando se referem às mães. Eles reconhecem e valorizam não só o esforço feito por essas mulheres para que *tivessem uma vida melhor*, mas principalmente a preocupação que elas têm em, mesmo à distância, serem parte de suas vidas e *alguém com quem se pode contar*. Essa proximidade entre mãe e filhos é construída e incentivada pela família materna no dia a dia da criança, em particular pela avó, que exerce uma função fundamental nesta esfera: a de mediadora entre mãe e filho, zeladora e perpetuadora deste vínculo.

Netos chamam a avó de *mamã* e, num grande número de casos, afirmam que a avó é “sua mãe de verdade”. Algumas dessas crianças não se lembram de ter vivido com a mãe biológica, pois ela emigrou quando ainda eram muito pequenas. Tais fatos poderiam nos levar a crer que, em situações de emigração, haveria confusão geracional entre mãe e avó. Porém, os dados de campo demonstram que esta poderia ser uma conclusão equivocada. Parece estar claro no discurso dessas mulheres que ser mãe é diferente de ser avó e que *aguentar* as crianças faz parte do contexto de *ajuda*, categoria central no universo familiar feminino e na percepção da maternidade como uma categoria social.

É claro que a divisão de tarefas assume novos arranjos quando a mãe não está presente, especialmente se observamos a relação da criança nas áreas extradomésticas. Além de passar a ser a principal (às vezes a única) fonte de suporte emocional que a criança reconhece, a avó acaba por acumular funções de administração de esferas da vida dos netos que normalmente ficariam a cargo da mãe – por exemplo, na relação com a escola. Todos estes fatores podem levar à confusão geracional entre mãe e avó e, de fato, isto pode ocorrer em alguma fase da vida da criança. Porém, o papel que se espera da avó é o da mediação entre mãe e filho,

para que o lugar da primeira esteja bem definido e seja valorizado pelo segundo. Para melhor compreensão deste ponto, apresento alguns relatos etnográficos.

A filha de d. Joaquina partiu para a Itália antes de Joyce completar um ano. A avó ficou com a criança e, devido às dificuldades de regularizar sua situação como imigrante, a moça já estava fora há quatro anos. Na casa moravam mais sete pessoas, entre filhos e outros netos, pois D. Joaquina era viúva. Os demais netos demonstravam ter ciúmes da relação de Joyce com a avó, segundo eles, “esta era sua neta de *grandeza*” (sua preferida). Quando D. Joaquina ouvia tais reclamações, justificava dizendo:

Gosto de todos os netos e filhos igual, eles são todos meus! Mas Joyce tem a mãe longe, eu que tenho que *aguentar* a carga! Apesar do que minha filha está sempre presente na vida dela, manda suas coisinhas sempre que pode e me ajuda a *aguentar* minha carga! Por isso digo sempre à Joyce: minha filha, foi sua mãe que mandou essa roupinha para você com muito sacrifício lá da Itália, trabalhando na casa dos outros só para nos ajudar! Faço isso sempre porque mãe é quem pariu, não é mesmo? Toda mãe tem que ter seu valor e sei que minha filha sofre muito lá no estrangeiro! A menina, coitada, se não fosse pelas fotos que mostro todos os dias, se visse a mãe na rua nem ia saber quem era!

Conheci outras mulheres com um comportamento semelhante ao de D. Joaquina. Apesar de sentirem orgulho pelo reconhecimento dos netos, cuja mais clara expressão é o ato de nomeá-las *mamã*, assumem como parte de sua função alimentar a memória da mãe biológica, sempre viva nas vidas das crianças. Para isso, falam constantemente das mães, relatam seu sacrifício, mostram fotos e salientam que tal roupa ou brinquedo foi enviado pela mãe que está fora.

No entanto, é comum que a criança se confunda até certa idade. Chico, criado pela avó e longe da mãe desde um ano de idade, relatou-me que quando era pequeno não entendia bem quem era quem em sua vida. Sabia que tinha uma mãe na Itália, que ela lhe mandava coisas e pagava sua escola, mas “confundia um pouco essa coisa de mãe, pois vivia com minha avó e via minha mãe muito pouco. Quando fui crescendo e com minha avó me explicando tudo, entendi o papel de cada uma em minha vida e o lugar ocupado por elas”.

É preciso, então, considerar a qualidade mediada e complementar desta relação. Entender este aspecto é fundamental para perceber o lugar da avó. Ser avó não é o mesmo que ser mãe, mas a avó também é mãe. Por outro lado, neto não é filho, é o filho da filha. Diferentemente de outras sociedades africanas em que parece haver uma confusão de papéis entre mães e avós, o discurso das mulheres da Boa Vista insiste na distinção das relações entre avós-netos e mães-filhos. Meus dados mostram que, assim como afirma Nordermans (2004) ao falar sobre confusão geracional em sociedades africanas, para estas mulheres, ser avó e ser mãe são experiências percebidas e vivenciadas de formas diferenciadas. Embora mães e avós sejam categorias fluidas, são experienciadas de formas distintas no ciclo de vida de uma mulher.

Quanto às crianças, falam com suas avós como se fossem suas “mães” e, muitas vezes, não identificam outra mãe que não seja a avó. Cabe a ela ter o cuidado em fazer com que a criança tome conhecimento de sua mãe biológica e nutra por ela um sentimento de amor. Como presenciei com d. Joaquina, por diversas vezes acompanhei o esforço de avós para manter viva a memória das mães biológicas e em salientar que não têm a ambição de assumir o lugar de mãe, afirmando que *mãe é quem pariu*. A relação avó-filha-netos tem, então, um caráter especial, não exclui ou diminui a importância da mãe, ao contrário, realiza uma soma entre as mulheres, acabando por fortalecer a rede de relações que poderia ser quebrada na

ausência de um de seus membros. Mas será que essa complementaridade opera sem tensões?

Competição ou complementaridade?

Durante o trabalho de campo, pude observar que os laços entre crianças e avós que vivem numa mesma casa são mais afetuosos do que os laços com as mães biológicas. Os atos cotidianos de partilhar e nomear expressam o caráter afetivo desta relação. Ambos são centrais no ciclo de vida de um indivíduo e constituem o que chamo aqui de proximidade. Nesse contexto, se o parentesco na Boa Vista tem um forte caráter de relação construída no cotidiano do viver juntos, podemos afirmar que a avó tem um lugar mais central que a mãe na vida de uma criança?

Não percebo, na Boa Vista, a presença de uma diferenciação que coloque as relações nos seguintes termos: avó/neto = proximidade e afetividade e mãe/filho = distância e autoridade. Ambas as relações são caracterizadas pelo calor afetivo e pelo exercício da autoridade. Crianças são tratadas com carinho e atenção, mas também lhes são impostos limites. Neste aspecto, mães e avós não se diferenciam. O que muda é a forma como elas vivenciam essa experiência, a maneira como dispensam carinho e como tal sentimento é percebido pelos filhos ou netos. Os significados de *aguentar* uma criança variam no tempo, sendo vividos distintamente por mães e avós.

Nesse sentido, não me parece correto afirmar que exista disputa entre mãe e avó, esta ocupando um lugar de vantagem sobre a primeira. O que observo é uma complementaridade de funções e formas de tratamento que advêm das conjunturas de vida dessas mulheres. Tal união dá o sentido local do que a criança precisa para estar feliz e amparada: a atenção diferenciada da mãe e da *mamã*. Por sua vez, exercer a maternidade nas duas

fases da vida significa o exercício pleno da maternidade para uma mulher. Ser mãe é, portanto, um ciclo que começa com o nascimento de um filho e só se encerra quando a mulher tem a chance de se tornar *mamã*.

No entanto, a complementaridade não opera sem tensões. O discurso das avós sobre o bem-estar das crianças consiste, em larga medida, na construção da incapacidade das jovens mães de cuidarem de seus filhos. A importância das avós é produzida a partir da ineficiência das mães, expressa pelas categorias *não ter tempo, ter a cabeça cheia, falta de cuidados*. Tais imagens possibilitam um espaço de ação no qual as avós são valorizadas por *ajudar* a desempenhar aquelas funções percebidas como necessárias para as crianças, mas que as mães não estão aptas a cumprir. Se, por um lado, essa configuração gera complementaridade entre as mulheres, por outro, é fonte de conflitos, especialmente quando as expectativas de mães e avós não são atendidas.

Estar atenta aos diversos arranjos desta complementaridade me permitiu observar tais tensões. Há um conjunto de potenciais conflitos na esfera cotidiana que se originam da divisão de funções entre mães, filhas e crianças. Para construir sua posição de centralidade, as avós distribuem e monitoram as tarefas das jovens mães e das crianças que *aguentam*, bem como suas condutas. Controlar para que os papéis sejam desempenhados a contento é um exercício de autoridade frequentemente questionado e ameaçado pelos mais jovens – no caso das moças, as tensões surgem de uniões afetivas indesejadas, de uma gravidez não esperada, da dificuldade em contribuir financeiramente e, claro, da incapacidade de exercer o papel de mãe. No caso das crianças, a ameaça advém de sua mobilidade e circulação.

As crianças estão por toda a parte, basta um olhar atento para o cotidiano local e as veremos participando dos diversos eventos e afazeres que constroem o dia a dia na Boa Vista.¹³ Crianças dos 5 aos 10 anos são os mais frequentes mediadores entre as casas. Elas são os veículos de

mensagens, presentes e itens de troca (alimentos, utensílios domésticos, dinheiro). Mas elas não são somente veículos importantes para a partilha e a troca recíproca, são também objetos de partilha e reciprocidade. Além da circulação cotidiana, estar entre as casas tem outro significado. A mobilidade estende-se ao que podemos chamar de circulação¹⁴ de crianças. O sentido aqui é de que outros, parentes ou não, podem *aguentar* uma criança por um tempo determinado.

Dos jovens e adultos com quem mantive contato em campo, raros foram aqueles que haviam residido em apenas uma casa ao longo de sua vida. O mais frequente é que uma criança resida mais ou menos permanentemente na casa de um parente próximo à mãe, em especial com a avó materna, porém, elas transitam entre diversas unidades domésticas, tanto por períodos curtos quanto em estadas mais prolongadas. Os arranjos e os motivos para dar uma criança a outra casa são variados; as explicações para mudar de “casa” vão desde a simples vontade da criança até a necessidade de tê-la para ajudar nos *mandados*, por questões financeiras, pela proximidade de uma determinada casa com a escola, pela emigração da mãe etc. A variação também inclui o tempo de residência; a criança pode permanecer numa casa por meses, anos ou por toda a vida.

Nesse cenário, a possibilidade de que a criança vá viver em outra casa ou simplesmente saia para executar um *mandado* e só retorne horas ou dias depois é uma realidade que provoca conflitos cotidianos entre membros de um grupo doméstico e, dependendo do caso, as tensões extrapolam tais limites, provocando brigas entre as casas. É o caso das disputas por crianças entre avós paternas e maternas, em que aquela que deseja que a criança vá viver em sua casa utiliza-se dos rumores para denegrir a imagem das mulheres oponentes por meio de relatos de maus-tratos e descuidos. Salvo em casos considerados graves, nos quais as disputas podem chegar à Justiça, quem “decide” sobre sua residência é a própria criança.

Outro fator que gera tensões no padrão local de os netos viverem com as avós é a imagem de família nuclear muito divulgada pelos meios de comunicação e pelos relatos das emigrantes que trabalham como empregadas domésticas na Itália. De acordo com tal ideal, as mulheres mais jovens manifestam o desejo de ter o que chamam de uma família *normal*, ou seja, em que o casal conjugal vive numa mesma casa e os pais criam seus filhos. Na tentativa de se aproximarem deste modelo, as jovens exercem pressão para a constituição de uma nova moradia com seus *pais-de-filho*, onde possam viver e criar suas crianças. Nos casos em que o jovem casal vai morar em um novo local, a influência das avós sobre as filhas e sua prole tende a diminuir, uma vez que a presença das crianças no cotidiano da casa de suas avós tem um caráter mais esporádico. As pessoas mais velhas veem esta tendência com preocupação e a atribuem às mudanças da modernidade em contraposição a um passado em que os mais velhos eram mais respeitados e valorizados.

Quando falam de suas vidas, as conversas com senhoras idosas seguem dois caminhos opostos: 1. a preocupação por estarem ficando velhas, com pouca saúde, muita pobreza, em estado de solidão, com perda de carinho e respeito e; 2. os benefícios que a idade lhes trouxe. Ser *grande* (idoso) é algo positivo, é sinônimo de estabilidade e autoridade. A mulher idosa consegue centrar sua performance na família e, com isso, é identificada como o centro dela.

O fio condutor teórico que utilizo para tratar da organização familiar em Cabo Verde reside no conceito de proximidade (e, conseqüentemente, no de distância). Para isso, tenho refletido sobre noções de parentesco na antropologia moderna por intermédio do conceito de *relatedness* de Janet Carsten (2004). Ter algo em comum é a base para a proximidade – partilha, troca de bens, serviços, emoções, reprodução e significado constituem a essência para que as relações entre parentes de sangue sejam

construídas. A família matricentrada seria, então, o terreno ideal para a reciprocidade; porém, se a reciprocidade é quebrada, as relações de parentesco esvaziam-se de tal forma que podem se tornar apenas memória.

No caso das relações entre avós e netos, a qualidade da afeição e a importância das avós na mediação das relações verticais de filiação são os fatores fundamentais para a sua reprodução e para a reprodução do sistema como um todo. No entanto, as relações familiares, em geral, são contextuais e contingentes, relativas às posições e às estratégias constantemente reconstruídas. As diferentes perspectivas quanto às avós e aos netos mostram que os papéis não são fixos, mas fluidos e flexíveis, dando espaço a negociações que mudam as relações. As identidades pessoais e sociais são desenvolvidas e sustentadas na troca com os outros. Então, as formas como as pessoas se veem são influenciadas pelas formas com que os outros as percebem e como se comportam com elas. Isto não é dado, mas sim construído e reconstruído cotidianamente.

Processos sociais e históricos afetam as relações entre avós e netos. Como vimos, o significado de ser avó não é o mesmo em situações cotidianas ou em casos de emigração ou crise familiar. Como em todas as relações sociais, a qualidade do vínculo entre avó e neto não é estática, mas deve ser entendida no tempo e quanto aos padrões de mudança. Novos desafios parecem surgir com as tendências de valorização de um tipo de conjugalidade pautado em padrões *européus*. Tentar dar conta de mais esta dimensão também constitui um desafio para os pesquisadores que têm se debruçado sobre esta sociedade.

Considerações finais

Diversos estudos realizados em contextos etnográficos africanos mostram que as pessoas são muito valorizadas e, mais do que isso, são percebidas

como uma espécie de “capital” social e político, cada indivíduo trazendo diferentes vantagens para o grupo. Sendo a pessoa um valor fundamental, os direitos sobre pessoas (*rights in persons*) adquirem, neste contexto, um lugar de destaque, e o próprio *status* de cada indivíduo pode ser pensado como o conjunto de direitos que ele possui sobre outras pessoas ou coisas, acrescido de seus correspondentes deveres.

É importante lembrar que os direitos sobre pessoas podem ser transferidos, implicando compensação ou indenização. No âmbito do parentesco, há possibilidade de manipular tais direitos para aumentar o número de pessoas sob o domínio de um indivíduo, e as formas como as transferências de direitos são realizadas são de importância fundamental no contexto africano (sobre este assunto ver Kopytoff & Miers, 1979; Parkin & Niamwaya, 1987; Radcliffe-Brown, 1952).

Ao trazermos tal discussão para o tema das famílias boa-vistenses e ao destacarmos o valor das pessoas em uma sociedade caracterizada pela escassez de recursos, pela exportação de seus membros e a importância da vida familiar, percebemos as crianças como um valor fundamental. A mulher que tem um filho sabe que ele tem não só um valor imediato, mas a longo prazo: um bebê está no centro da reprodução das relações entre parentes e vizinhos, estimula visitas, é motivo de festas e agrega as mulheres da família da mãe e do pai ao seu redor; a criança, a partir de 6 ou 7 anos, faz serviços domésticos, faz companhia e circula entre as casas; já adulto, ajuda a sustentar os mais velhos.

Diante da impossibilidade de *aguentar* uma criança sozinha, dada pelo próprio sistema familiar, a pessoa ideal com quem uma mãe pode partilhar o valor dos filhos é com sua mãe, a avó materna da criança. Como já foi demonstrado aqui, para a avó materna, o neto é um bem que garante sua centralidade dentro da esfera doméstica. Para a mãe da criança, deixar o filho com a avó materna pode ser a garantia de que ela

sempre será lembrada como boa mãe, mesmo em casos de distância física prolongada. O valor da criança estende-se também geograficamente, sendo ela um vínculo fundamental entre as famílias do pai e da mãe, outros parentes e vizinhos.

A mulher deve, então, dividir seus filhos da mesma forma com que deve compartilhar alimentos, bens materiais e informações. Num sistema matri-focal, toda a produção feminina é criadora e mantenedora das relações, e a mobilidade das crianças é um componente dessa prática: reproduz a centralidade feminina e aumenta o número de mulheres às quais um indivíduo deve lealdade. Por sua vez, as crianças e os jovens têm, em função da relação com as mulheres (da família paterna e materna), fonte segura de conforto emocional e de transmissão de bens materiais e valores.

Fortes e Radcliffe-Brown explicavam o pertencimento como um dado fundamental na vida de indivíduos em sociedades africanas, por exemplo, entre os Tallensi o princípio da linhagem permite que um homem busque apoio dos seus em qualquer assunto, ou seja, indivíduos de uma mesma linhagem crescem juntos, visitam-se, identificam-se uns com os outros e agem da mesma forma em negócios corporados. Além disso, conhecem suas histórias em detalhes e isto é uma força real na vida corporizada da linhagem e da comunidade.

Numa sociedade como a da Boa Vista, marcada pela ausência de grupos com estas características, são necessários outros mecanismos que produzam e reproduzam solidariedade. Os grupos familiares assumem então um caráter especial, um espaço frutífero para a construção de relações de pertencimento, de transmissão de bens e valores. Se este espaço privilegiado é marcado pelo caráter distante do homem enquanto pai e companheiro, a centralidade feminina parece ser o espaço de pertencimento por excelência.

A nomeação é um dado importante aqui. Como afirma Geffray (1990), a totalidade de membros de uma sociedade é categorizada por meio de

uma série de operações linguísticas distintivas e que as identificam. As palavras permitem ao locutor nomear as pessoas que surgem em cada um dos momentos estruturais da reprodução material e social de sua comunidade (1990, p. 157). Ao nomearem as avós de *mamã*, os netos não estão, portanto, operando uma suposta confusão geracional, mas estendendo a categoria de mãe para além da figura da mãe biológica e incorporando mulheres de outra geração, ou seja, são necessárias duas gerações para que a maternidade se realize na Boa Vista.

Entretanto, é preciso que fique claro que as categorias são fluidas e que há sempre a possibilidade de os indivíduos jogarem com as opções de seu sistema, dependendo de seu interesse ou do lugar que ocupam na estrutura social. Observando o ciclo do desenvolvimento doméstico, percebemos que os indivíduos mudam de posição e de perspectivas segundo a fase em que se encontram. Da mesma forma, na Boa Vista de hoje, para falar de família, é preciso levar em conta não só seu ciclo interno, mas diversos aspectos da estrutura social em tempo de mudanças.

As principais tensões que emergem desse esquema social têm a ver com o choque entre um modelo local, tal como foi aqui caracterizado e analisado, e a crescente referência a um ideal de família nuclear. Como resultado desta tensão surgem novas formas de se posicionar diante da prática cotidiana. Para as avós, quando questionadas sobre a relação com os netos, salientam que “mãe é quem pariu” – contrariando, no nível do discurso, a característica da maternidade compartilhada que observei no dia a dia das famílias. Os netos, especialmente os jovens, começam a valorizar o que chamam de “família normal” e a perder o interesse por aquilo que as avós têm a oferecer. As mães, cada vez mais cedo, buscam opções para construir seu espaço doméstico, seguindo padrões europeus de residência e organização familiar.

Ao abordar a relação entre avós e netos no contexto cabo-verdiano, suas características e as modificações que vêm ocorrendo na qualidade

dessa relação, chegamos a um ponto importante: o de que o modelo nuclear de família é um conceito analítico que se manifesta não só empiricamente em determinados casos, mas também como ideia definida no imaginário social (Fonseca, 2002). A maternidade processual e a circulação de crianças analisadas na Boa Vista são, portanto, categorias de análise apreendidas etnograficamente de uma prática social que se reproduz em tensão com tal modelo, permitindo-nos pensar – sempre voltando nossos olhares para a etnologia clássica – na complexidade das dinâmicas de parentesco. O caso aqui apresentado seria mais um exemplo de diferentes formas, experiências, afetos, significados e negociações presentes nas construções de ser mãe.

Notas

- 1 Andréa Lobo é professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Realizou pesquisa em Cabo Verde sobre organização familiar no contexto da emigração feminina do arquipélago para países europeus. Atualmente, continua a desenvolver trabalhos de pesquisa sobre o arquipélago em torno dos temas da família cabo-verdiana e do valor da categoria movimento, salientando os diversos fluxos e circulações valorizados no processo de reprodução social.
- 2 Soraya Fleischer leu versões anteriores deste texto e fez preciosos comentários que foram, na medida do possível, levados na devida conta.
- 3 Sobre o significado da aridez na formação da identidade cabo-verdiana, ver Lobo (2001).
- 4 No caso da Boa Vista, a maioria das mulheres segue para a Itália, porém há também um número considerável delas na França e em Portugal. Para maiores informações sobre o destino da emigração na ilha da Boa Vista, ver Lobo (2007).
- 5 O fluxo de emigração é mais intenso entre mulheres jovens de 18 a 30 anos de idade.
- 6 Cabe ressaltar que estas características devem ser analisadas no tempo, ou seja, elas tendem a se fortalecer ou a se diluir dependendo da fase do desenvolvimento do ciclo doméstico. Como demonstrarei ao longo do trabalho, com o passar dos anos, o homem tende a se fixar com uma de suas mães-de-filhos, geralmente a primeira. O “casamento no papel”, que acontece quando

o casal já está com seus filhos adultos, marca essa fase de “serenidade” masculina em relação aos assuntos domésticos.

- 7 Conforme acordado com meus interlocutores durante a pesquisa, todos os nomes aqui citados são fictícios.
- 8 Além de utilizadas para se referirem àquele ou àquela com quem se teve um filho, *pai-de-filho* e *mãe-de-filho* são as categorias da língua crioula que nomeiam o companheiro ou a companheira com quem se mantém uma relação afetiva de conjugalidade antes do “casamento no papel”; só depois deste é que se atribuem os *status* de marido e esposa.
- 9 Quando em campo, tive a oportunidade de presenciar alguns festejos de casamento, a grande maioria ocorrendo entre casais que já tinham seus filhos adultos e moravam em sua própria residência há pelo menos 10 anos.
- 10 *Aguentar* é uma categoria importante no universo familiar cabo-verdiano, tem o sentido tanto de cuidar provisoriamente de uma criança quanto de educar, alimentar, criar, ou seja, tê-la sob seus cuidados de forma duradoura. Tal categoria será utilizada neste artigo em ambos os sentidos, dependendo do contexto.
- 11 Trabalhei com 43 famílias em campo, sendo que com cerca de 20 delas estabeleci contatos diários intensos e com laços de amizade.
- 12 É importante salientar a profundidade histórica do fenômeno migratório em Cabo Verde, não sendo este um fenômeno recente. No caso das mulheres aqui em questão, os projetos migratórios têm caráter temporário, sendo o retorno um fim vislumbrado, apesar de nem sempre alcançado. Outra característica importante é que emigrar é um projeto familiar que, na maioria das vezes, assume um caráter cíclico entre os indivíduos da família. Encontrei, em campo, avós que já foram emigrantes, hoje residem na ilha e conseguiram enviar as filhas para a emigração.
- 13 Apesar de sua ampla inserção na vida comunitária, há dois momentos da sociabilidade que lhes são interditados: situações de doença e morte. As casas de doentes graves ou a casa do morto são os únicos lugares na Boa Vista em que não encontramos crianças. Essas visitas têm um forte caráter de obrigatoriedade e formalidade. Há pouca conversa, muita bebida e comida e uma atmosfera quieta. A criança não é bem-vinda nesses eventos.
- 14 Utilizo circulação de crianças aqui no sentido do inglês *foster children*. Adoção não é a categoria adequada no meu caso, visto que a circulação de crianças não tem um caráter formal ou fixo. Claudia Fonseca (2006) também adota o termo circulação ao tratar de seu caso de estudo na periferia de Porto Alegre.

Bibliografia

ARENDELL, T.

1999 "Mothering and motherhood: a decade review". *Working Paper*, n. 3, Berkeley, Center for Working Families, University of California.

BADINTER, E.

1980 *Um amor conquistado – o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BARROS, M.

1987 *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CARSTEN, J.

2004 *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.

FONSECA, C.

2002 "Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros", in *Psicologia USP*, vol. 13, n. 2, pp. 1-12.

FORTES, M.

1969 *Web of kinship among the Tallensi: the second part of an analysis of the social structure of a trans-volta tribe*. London, Oxford Univ Press.

1974 *O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico*. Brasília, UnB.

GEFFRAY, C.

1990 *Ni père ni mère: Critique de la parente: le cas makhuwa*. Paris, Ed. Du Seuil.

GOODMAN, C.; SILVERSTEIN, M.

2002 "Grandmothers raising grandchildren: family structure and well-being in culturally diverse families". *The Gerontologist*, vol. 42, n. 5, p. 676-689, out. 2002.

GOODY, E.

1982 *Parenthood and social reproduction: fostering and occupational roles in West Africa*. Cambridge: Cambridge University Press.

KOPYTOFF, I.; MIERS, S.

1979 "African Slavery as an Institution of Marginality", in KOPYTOFF; MIERS (orgs.). *Slavery in African: Historical and Anthropological Perspectives*. Madison, The University of Winsconsin Press.

LOBO, A.

2001 *Seca, Chuva e Luta. Reconstruindo a Paisagem em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

2006 *A. Tão Longe e Tão Perto. Organização família e emigração feminina na Ilha de Boa Vista - Cabo Verde*. Tese de Doutorado apresentada ao PPGS do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

LOPES, E.; NERI, A; PARK, M.

2005 "Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea", in *Textos Envelhecimento*, vol. 8, n. 2, pp. 1-10, Rio de Janeiro, UNATI.

MODELL, J.

1998 "Rights to the children: fosters care and social reproduction in Hawai'i", in FRANKLIN, Sarh; RAGORÉ Helena. *Reproducing Reproduction. Kinship, towers and technological innovation*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

NOTERMANS, C.

2004 "Sharing home, food and bed: paths of grandmotherhood in East Cameroon", in *África*, 74 (1), pp. 28-46, 2004.

OLWIG, K. F.; SORENSEN, S.

1999 "Narratives of the children left behind: home and identity in globalised Caribbean families". *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 25 (2), pp. 267-284.

ANDREA SOUZA LOBO

PARKIN, D; NYAMWAYA, D. (eds.).

1987 *Transformations of African Marriage*. Manchester: Manchester University Press,
1987.

TRAJANO FILHO, W.

2006 “Some problems with the Creole Project for the Nation: the case of Guinea-Bissau”, in *Paper presented at the Seminar Powerful Presence of the Past*, at the Max Planck Institute, Halle, Germany.

RADCLIFFE-BROWN, B.

1952 “Introduction”, in RADCLIFFE-BROWN, A. R. ; FORD, D. (eds.). *African Systems of Kinship and Marriage*. London: Oxford University Press.

WHITE, S.

2004 “Lifetimes Interwined: African grandparents and grandchildren”, in *Africa*, 74 (1), pp. 76-95.

ABSTRACT: Studies about African kinship which discuss relationships between generations are not new in Anthropology, be the approaches classical, focusing on the institutional structure of kinship systems, or contemporary analyses, which insert the topic in the context of relations constructed in everyday life. In the case of Cape Verde, in order to understand the central role of women and the relations among women for reproduction of family relations, the part of grandmothers cannot be overlooked. With this argument, this article seeks to show how motherhood, as it is seen in Cape Verde, is not restricted to the mother figure, involving other women in the sharing of substances which are essential for everyday life – food, bed, house, goods and values. In this context an important strategy arises which makes motherhood in Cape Verde a particular case, the fact that one generation is not sufficient for full realization of maternity, since it requires coordinated efforts of two generations of women within the family structure. Mother and grandmother complement each other in the task of caring for and feeding children and this union provides the local sense of what a child needs in order to be happy and supported. Likewise, exercising maternity

in both stages of life fulfills motherhood for a woman. This article thus presents the argument that being a mother in Cape Verde is a cycle which starts with the birth of a child and is only fully completed when the woman becomes a grandmother.

KEY-WORDS: households, Cape Verde, motherhood, childhood.

Recebido em julho de 2010. Aceito em setembro de 2010.